

## **TÍTULO: “Memória e Resistência: relatos de tragédia e superação”**

Autores: André Lopes Loula (Pós-graduado pela Puc/SP) e Cristiano Manoel da Silva (graduado pela Puc/SP)

O objetivo é apresentar o Trabalho de Memórias desenvolvido em parceria com dois colégios particulares e a Associação dos Sobreviventes da Bomba Atômica no Brasil. Ao ter contato com os relatos das experiências dos sobreviventes, iniciamos a realização de trabalhos como forma de recuperar a memória de uma das maiores atrocidades presenciadas pela humanidade.

Confrontar depoimentos, documentos escritos, vídeos, fotos entre outros vestígios visando recontar, refazer os percursos, os trajetos percorridos pelos Imigrantes em fins do século XIX e meados do XX, esse foi o processo de investigação realizado pelos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Dada às relações afetivas que foram estabelecendo-se entre alunos e sobreviventes, o conhecimento histórico escolar foi obtendo novas configurações. Indiretamente fomos aliando o conhecimento a uma nova roupagem. Talvez seja essa uma das principais características da história oral, compartilhar experiências, refletir conjuntamente sobre as vivências humanas, e, sobretudo rever as nossas posições de sentir, pensar e agir no mundo.

## **TÍTULO: “Memória e Resistência: relatos de tragédia e superação”**

Autores: André Lopes Loula (Pós-graduado pela Puc/SP) e Cristiano Manoel da Silva (graduado pela Puc/SP)

### **Introdução**

*“Batizei meu personagem principal de Gen na esperança de que ele se tornasse raiz ou fonte de força para uma nova geração da humanidade- aquele que consegue pisar descalço o solo queimado de Hiroshima e sentir a Terra sob seus pés, e quem tem a coragem de dizer ‘não’ às armas nucleares...Eu mesmo gostaria de viver com a força de Gen – é o meu ideal, e continuarei buscando-o por meio do meu trabalho”.*<sup>1</sup>

O trecho acima nos remete a criação de uma personagem autobiográfica, que simboliza a resistência contra as armas nucleares, à luta pela preservação da vida e a permanência de nossa morada, a Terra, como vínculo de identidade não somente de um indivíduo, mas de toda a espécie humana.

Gen é um nome japonês que significa “raiz” ou “fonte”, segundo o autor Keiji Nakazawa, que tinha apenas sete anos quando a bomba atômica atingiu sua cidade. Fomos buscar nessa personagem, no seu autor e nos relatos dos sobreviventes da Associação da Bomba Atômica em São Paulo, os elementos que nos fizéssemos compreender a vivência trágica do evento de 1945, procuramos nos deslocarmos na experiência do *outro*, no tempo e no espaço, tendo sempre claro as nossas limitações temporais e espaciais de sentir a condição do outro enquanto experiência concreta.

Todavia, as nossas principais motivações tanto de ordem pessoal quanto profissional seriam os mais jovens a refletir sobre o seu entorno e a sua própria condição de humano no mundo.

Ao iniciarmos nossas atividades junto a Associação dos Sobreviventes da Bomba Atômica, tínhamos uma dada expectativa, a qual foi sendo suplantada em função dos encontros entre os jovens estudantes e os sobreviventes. Encontros esses que foram ganhando uma dinâmica própria.

---

<sup>1</sup> Gen: pés descalço : uma história de Hiroshima/Keiji Trabalhoazawa; (tradução Sofia Valtas): São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2002, p.VII.

Conforme já mencionado, a proposta inicial das atividades junto a Associação era criar aulas mais dinâmicas em que conseguíssemos o envolvimento dos estudantes em uma realidade mais concreta. Tal intuito foi ganhando novas fisionomias, na medida em que as preocupações e interações dos estudantes foram ficando cada vez mais acentuadas, no sentido de conhecer as experiências de vida dos *sobreviventes* nos encontros realizados junto às escolas.

Dada às relações afetivas que foram estabelecendo-se entre alunos e sobreviventes, o conhecimento histórico foi obtendo novas configurações. Indiretamente fomos aliando o conhecimento escolar a uma roupagem mais afetiva. Talvez seja essa uma das principais características da história oral, compartilhar experiências, refletir conjuntamente sobre as vivências humanas, e sobretudo rever as nossas posições de sentir, pensar e agir no mundo. Esse processo de sensibilização teve dois momentos distintos, o primeiro foi pautado no currículo pré-estabelecido das séries correspondentes, que incluímos um trabalho de história oral, no qual os alunos deveriam realizar uma entrevista com os descendentes imigrantes (de várias origens) residentes em São Paulo. O objetivo era que o aluno percebesse a trajetória de vida de seus familiares. As entrevistas visavam identificar as condições, motivações e adaptações dos migrantes (dos continentes europeu, e asiático) em fins do século XIX e das primeiras décadas do século XX no Brasil.

Em seguida, o segundo momento, foi realizada uma visita ao Memorial do Imigrante, onde realizamos um intenso diálogo com o espaço (no sentido de sua construção e disposição) e os objetos expostos. Ao obter as informações dos vestígios deixados pelos imigrantes, procuramos posteriormente recriar as suas festas e costumes (no ambiente escolar). Desenvolvemos assim as características culturais de cada nacionalidade que contribuíram e contribuem para a formação de nossa identidade enquanto nação.

Após todo um processo de trabalho construído durante os primeiros três bimestres, constatamos com os relatos dos sobreviventes, a história em movimento, viva e presente em nosso cotidiano de diferentes maneiras.

O trabalho em questão tem entre outras coisas o objetivo de fazer com que o conhecimento histórico seja ensinado de tal forma que dê ao aluno condições de participar do processo do fazer, do construir a História.

“ A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja a busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.”<sup>2</sup>

Podemos dizer que, nesse sentido, a memória é a capacidade humana de viajar no tempo. Ao recordar fatos passados, as pessoas tornam presentes esses acontecimentos, não apenas para si mesmas, mas para os outros. Não precisamos ter participado de uma guerra para saber que ela é terrível. Aprendemos com os outros.

Segundo Lizânias Lima, a experiência que acumulamos do passado nos ajuda a decidir o que fazer. A memória que temos dá sentido à nossa vida. Nós conservamos e repetimos as ações que nos parecem boas, acertadas e procuramos mudar tudo o que resultou em fracasso, aquilo que nos parece negativo. *Sem memória, não temos como nos orientar e dar sentido ao nosso presente.*

Além disso, acreditamos que o papel fundamental da instituição escolar contribui de sobremaneira na formação da cidadania de nossas crianças, jovens e adolescentes, e identificamos a necessidade de que a proposta de nosso trabalho junto a Associação dos Sobreviventes da Bomba Atômica, escolas e professores seja tomado como mais um instrumento de estudo no *processo ensino-aprendizagem*.

### **Contextualizando o Evento**

A Segunda Guerra Mundial, a pior barbárie que a humanidade já presenciou no mundo contemporâneo, que levou a dizimação de milhões de pessoas pelo mundo, começa de uma maneira. Com armas de poderio bélico de uma engenharia até pouco tempo desconhecida pela geração pós Primeira Guerra Mundial, que temia um novo conflito mundial mais avassalador, às armas novas tinham sido testadas sobre a cidade espanhola de Guernica em plena Guerra Civil Espanhola, que levou ao poder Francisco Franco. A atrocidade sobre a cidade foi mais tarde retratada pelo pintor Pablo Picasso em uma das suas

---

<sup>2</sup> História e memória/Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão, Capinas, SP: Editada Unicamp, 1990.

obras mais famosas “Guernica”, obra, qual, retornou á Espanha somente após a morte de Francisco Franco, conforme pedido do pintor.

Contudo o desenvolvimento de novas armas não pára por aí. O início da Segunda Guerra Mundial em 1939 traria a destruição de 60 milhões de pessoas. Os Estados Unidos sobre o Governo de Franklin Roosevelt, entrariam na Guerra em 1941 após o ataque a Base Naval de Pear Harbor no Havaí. Após a derrota da Alemanha Nazista de Hitler, tem-se uma corrida pelo desenvolvimento de armas nucleares. O físico Leo Szilard, expulso da Alemanha por ser judeu, exila-se nos Estados Unidos, onde Albert Einstein, físico mundialmente conhecido, leva uma carta do amigo explicando os planos da Alemanha Nazista em desenvolver uma arma de destruição em massa.<sup>3</sup>

O Projeto Manhattan acaba nascendo em total segredo de Estado, sobre a direção do General Groves, os cientistas passaram a viver o enclausuramento de suas vidas, pretendendo assim evitar qualquer vazamento de informações que pudessem cair em mãos inimigas. Quando a primeira Bomba Nuclear foi testada pela primeira vez no deserto de Alamogordo em 16 de julho de 1945, não houve vítimas. Só que agora não temos mais a Alemanha como inimiga dos Estados Unidos, e sim, a União Soviética. Era preciso então intimidar o inimigo. Como?

Foi escolhido um alvo civil: a cidade de Hiroshima, no Japão, país o qual, não havia se rendido ainda por motivos culturais. No dia 06 de Agosto de 1945, vinte dias depois da explosão no deserto de Alamogordo, às 8:15 da manhã após o avião B-29 Enola Gay sobrevoar e soltar sobre a cidade a temida bomba, lançando uma potência de 12 500 toneladas de TNT causando a morte de 78 mil pessoas. È importante salientar que os efeitos da radiação e das queimaduras levaram esses números para cerca de 140 mil pessoas mortas.

### **A História dos Hibakusha no Brasil**

Uma dessas vítimas foi o Senhor Takashi Morita, 21 anos na época, exercia a função de Soldado da Polícia Militar, fazia uma semana que tinha chegado na sua cidade Natal –

---

<sup>3</sup> Júnior, José Augusto Dias & Roubicek, Rafael . *O brilho de Mil sóis – História da bomba atômica*. São Paulo. Editora Ática, 2007.

Hiroshima, tinha sobrevivido duas semanas antes ao grande ataque sobre Tóquio, na qual, morreram 80 mil pessoas. Takashi Morita tinha acabado de descer do bonde quando houve a explosão da bomba atômica, que o arremessou a cerca de 10 metros à frente. Ao se levantar, não sabia o que estava ocorrendo, pensava ele que era o depósito de pólvora ali próximo que tinha explodido, mas não era. Logo percebeu que estava todo queimado atrás, nas costas, ajudou pessoas que pediam socorro. Teve que ajudar na realização de um parto, que foi acelerado devido à situação de medo da parturiente. Após três dias ajudando no resgate dos sobreviventes, Takashi Morita cai convalescente, sendo internado por cerca de vinte dias em um hospital que não tinha muitos recursos devido à destruição da cidade. Pela terceira vez salva-se da morte. O hospital que estava internado sofre as conseqüências de um tufão e é totalmente destruído, porém o Sr Morita havia tido alta dois dias antes.

Especializa-se na profissão de relojoeiro tentando se reerguer numa cidade em reconstrução e sem perspectiva de vida devido à contaminação pela radiação. O único diálogo que se ouvia por Hiroshima era que: durante setenta e cinco anos nada nasceria naquela cidade devido à alta quantidade de radiação presente, inclusive pessoa. Só que a natureza é sábia, o tufão que se pensava, que tinha vindo para destruir, acabou limpando a cidade, levando a radiação embora. Em Dezembro já se podia observar as primeiras plantas nascendo, pensou então: “ se nasce flor, também deve nascer gente”<sup>4</sup>

E assim, um ano depois da explosão, seu Morita conhece a Senhora Ayako Orishige de 20 anos, também vítima da bomba atômica, com a qual teria se casado e tido dois filhos; - ajudando a defender o dito popular , “onde nasce flor, nasce gente”.

O texto a seguir faz parte de uma entrevista cedida pelo Senhor Takashi Morita “A Revista Caros Amigos”, onde ele dá mais detalhes sobre o momento da explosão da bomba:

“Eu estava num bonde com mais doze soldados. Quando desci do bonde, bum! Ouvi um grande estrondo e tudo se quebrou na hora. Fez-se um imenso clarão, como se fosse um enorme *Flash fotográfico*. O bonde em que eu viajava estava a 1.300 metros do epicentro da bomba. Na hora da explosão, um violento vendaval me atirou a uns 100 metros de distância.

---

<sup>4</sup> Relatos proferidos nas palestras ministradas nos Colégios Dimensão e São Francisco de Assis, Instituições de ensino particular da cidade de São Paulo.

Fiquei atordoado. Senti um calor abafado, sufocante. Olhei para trás e vi o bonde pegando fogo. Achei que ele havia explodido. Dentro, os passageiros continuavam na posição em que estavam – uns sentados, outros em pé segurando as barras de apoio, todos carbonizados. Depois, quando olhei bem, pude ver o que estava acontecendo: havia muita gente ferida e grande destruição. Não era coisa de bomba comum. Mesmo sentindo fortes dores nas costas e na nuca, que eram de queimaduras, decidi ir para o centro da cidade. Em seguida ficou tudo meio escuro. Que aconteceu? Ninguém sabia. Chamei os outros soldados, mas ninguém respondeu. A maioria das casas, que era de madeira, começou a pegar fogo. Ia me recobrando, tentando saber o que havia acontecido, quando vi quatro ou cinco pessoas andando. Uma velhinha me chamou: “Soldado, por favor, dentro de casa tem nenê, meu netinho está dentro da casa”. Fui para casa retirar a criança e, depois que a mãe saiu com ela na mão, começou o fogo. Se a gente demorasse mais um minutinho, ele também morria. Um menino, muito queimado, falava: “Senhor soldado, vingue a minha morte”. Eu estava meio machucado, mas na hora não pensava nisso”.

Vale ressaltar um fato desconhecido nas biografias sobre as bombas atômicas; brasileiros que foram vítimas da tragédia que se abateu sobre Hiroshima e Nagasaki. É o caso da Senhora Haruko Yoshiga, pertencente à família Nishimura, que venho a cem anos para o Brasil a bordo do navio Kasato Maru, que trouxe os primeiros japoneses para o Ocidente. A família Nishimura foi muito bem sucedida em seus negócios em São Paulo por volta de 1930. Deixando os negócios aqui no Brasil nas mãos dos filhos mais velhos, decidiram retornar para Hiroshima com os filhos mais novos, que tinham nascidos aqui no Brasil e não queriam perder a sua cultura. Lá compraram propriedades em Hiroshima. Com o início da Guerra não puderam retornar. Como a maioria tinha dupla nacionalidade tiveram que servir ao exército do Japão, sendo assim afetados pelas Bombas Atômicas que caíram sobre Hiroshima e Nagasaki, cidades que respectivamente estavam prestando serviço militar. Ao término da guerra, a Senhora Haruko Yoshiga retorna ao Brasil, já casada e na companhia dos filhos e da mãe, e juntamente com a família de seu irmão Nelson Nishimura que nasceu no Brasil e foi uma vítima da Bomba Atômica, vindo assim a falecer.

### **A importância da história oral**

Abordando a “Memória”, como um dos maiores instrumentos da história, para não se perder o significado do ser humano – quanto a sua existência histórica e social, procurou-se despertar “temas” a curiosidade dos alunos e da sociedade, como um todo, mostrando os mesmos como agente histórico no mundo que habitam, e que tem um grande papel de transformação no mundo.

Sendo assim, tem sido desenvolvido um trabalho nos Colégios Particulares como uma tentativa de se resgatar essa memória.<sup>5</sup>

Ao ser abordado o tema *As Bombas Atômicas* lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki, percebeu-se o desconhecimento da maioria dos alunos sobre o assunto, mas ao mesmo tempo foi bastante enriquecedor poder notar a indignação deles (alunos) sobre uma das maiores atrocidades cometidas sobre o ser humano até hoje. Para muitos quando é explicado que a quantidade de Bombas Atômicas existentes no planeta é atualmente, cerca de 15 mil, e que podem ter o poder de destruir a Terra 30 vezes.

Gera uma preocupação enorme . Muitas perguntas, entre elas:

O que se pode fazer para ajudar a evitar uma destruição em massa.

Assim têm sido feitos trabalhos de conscientização, junto aos Colégios pelos Professores, cujo tema é de grande relevância, em parceria com a “Associação das Vítimas da Bomba Atômica no Brasil”, onde os sobreviventes se dirigem aos Colégios para ministrar palestras e alertar os jovens sobre as suas experiências e simultaneamente estimular a busca pela “Paz”. Nesse sentido, “a sala de aula não é apenas um espaço onde uma relação de interlocutores constrói sentidos. Trata-se de um espetáculo impregnado de tensões em que se torna inseparável o significado da relação teoria e história e prática, ensino e pesquisa, alterando inteiramente a maneira de produzir o conhecimento em sala de aula”.

Ao iniciar a temática na aula sempre procuramos demonstrar a provável destruição do Planeta, se um louco apertar um único botão? A princípio são exibidos documentários e filmes, depois é feito um debate sobre a temática. Após todo esse processo, os alunos são incumbidos de fazer pesquisas. Posteriormente recolhem as assinaturas para o Abaixo assinado contra as *Armas nucleares*, nas quais, mais tarde o ganhador do concurso entregará nas mãos do Secretário da ONU. A preparação para a palestra de orientação tem todo um

---

<sup>5</sup> Dados coletados junto ao arquivo da “Associação das Vítimas da Bomba Atômica no Brasil.



objetivo – a busca pela Paz – os alunos ficam emocionados ao ouvirem os sobreviventes relatarem a sua história de vida.

Ao ter acesso à história oral os alunos mantêm contato com experiências passadas, essas por sua vez, serão somadas as outras fontes de reflexões desenvolvidas em sala de aula. Fazemos uso das palavras do historiador Paul Thompson: “Acredito que a única esperança a longo prazo para a humanidade é construirmos um mundo em que se reconheça o quanto temos em comum nas nossas necessidades, medos e sonhos. Ouvir histórias de vida é um dos mais poderosos meios de se aproximar do outro”.

O Presidente da Associação Senhor Takashi Morita, 84 anos, é uma das pessoas mais enfáticas pela luta pela Paz, o mesmo, era Policial Militar em Hiroshima no dia 06 de Agosto de 1945, tinha apenas 21 anos de idade – não sabe até hoje como sobreviveu, mas é comovente ouvi-lo contar sobre o que viu naquele dia na cidade totalmente destruída. Dez anos mais tarde, com medo de uma nova guerra, muda-se para o Brasil com sua esposa – que também era sobrevivente – e um casal de filhos para recomeçar uma nova vida no Ocidente. Srº Morita monta uma relojoaria, mas a falta do português acaba atrapalhando, sendo assim obrigado a trabalhar como empregado, a família passou a ser adaptar melhor quando passaram a gostar de futebol e a torcer pelo Pelé. Em 1984 funda a Associação dos Sobreviventes da Bomba Atômica no Brasil, onde existem cerca de 160 membros, todos sobreviventes.

Tendo em vista as novas propostas de ensino e aprendizagem desenvolvidas (e em desenvolvimento) pelo PCNs. “Os procedimentos de pesquisa escolar devem ser ensinados a favorecerem Favorecem a ampliação do conhecimento, das capacidades e das atitudes de autonomia dos estudantes, como manusear livros, revistas e jornais, localizar informações, estabelecer relações entre elas e compará-las; familiarizar-se e desenvolver domínios lingüísticos; identificar idéias dos autores, perceber contradições e complementaridade entre elas; trocar e socializar opiniões e informações: selecionar e decidir, observar e identificar informações em imagens, textos, mapas, gráficos, objetos e paisagens”. Acreditamos que tal projeto possa contribuir de maneira significativa as solicitações dos PCNs, já que ela visa uma nova interação entre o conhecimento histórico e o cotidiano do aluno.

Nós, pesquisadores e educadores de Ciências Humanas, percebemos o quanto às inúmeras possibilidades de aquisição de conhecimento que possam ser desenvolvida junto

aos alunos. Para além de apresentar as experiências de vida dos sobreviventes, o trabalho visa também enforçar a dinâmica sócio-cultural desenvolvida durante décadas de intensos relacionamentos entre as duas nações. Um deles são as duas associações – “Associação das Vítimas da Bomba Atômica no Brasil”, e a do Japão – “Nagasaki Foudation for the Promotion of Place”.

Sendo assim, foi realizado no ano de 2007 em parceria com as duas associações o Concurso “Mensageiros da Paz”, onde o aluno teria que escrever uma redação sobre o tema “Paz e Energia Nuclear”, (uma em português e outra em inglês) que tinha o objetivo de escolher dois alunos, que iriam representar o Brasil no Japão e, posteriormente na sede da ONU (Organização das Nações Unidas) em Genebra na Suíça, onde a finalidade era entregar o abaixo-assinado contra as Armas Nucleares (O Prefeito José Serra em 2005 assinou esse documento). As assinaturas foram coletadas no Brasil, Japão, Coréia do Sul, Holanda e Suíça, e entregues diretamente às mãos do Secretário Geral da ONU Srº Ban – Ki - Moon.

Os ganhadores Marcelo Cremer, 15anos, de São Paulo – Capital e Priscila Yumiko Fujikawa, 15 anos, do Rio de Janeiro – Capital, se dirigiram, em Agosto de 2007 acompanhados do Presidente da Associação, Srº Takashi Morita, viajaram para Tóquio, onde se encontraram com os outros ganhadores do Japão, Coréia do Sul, Holanda e Suíça, onde proferiram palestras em Tóquio e em seguida seguiram para Hiroshima e Nagasaki para conhecer as cidades destruídas pelas Bombas Atômicas, logo após se dirigiram para Genebra, na Suíça para as atividades de entrega do abaixo-assinado contra as bombas atômicas, que visava alertar pelo perigo real de tal potência nuclear, onde foi feito um discurso bem enfático, dos alunos Marcelo Cremer e Priscila Yamiko Fujikawa, no auditório da ONU.

## **Bibliografia**

BITTERN COURT, C. (org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo, Editora Contexto, 1997.

BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou, o Ofício de historiador*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

CABRINI, Conceição... et al. - *O ensino de história: revisão urgente*. São Paulo: Educ, 2005.

CIAMPI, Helenice. *O trabalho das fontes no cotidiano escolar*. Revista Histórica, Arquivo do Estado. São Paulo. 2003.

GOFF, Jacques Le. *A História Nova*. São Paulo, Martins Fontes, 2001

\_\_\_\_\_. *História e Memória*. Campinas, Editora da Unicamp, 1996.

GOLDEMBERG, José. *A questão do inverno nuclear*. São Paulo, Brasiliense, 1985

HOBBSBAWN, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*; tradução Marcos Santarrita – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IBUSE, Masuji. *Chuva negra*. São Paulo, Marco Zero, 1988

KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. São Paulo. Ateliê. Editorial. 2000.

LOWENTHAL, David. *Como conhecemos o passado*. Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: EDUC, Nº17. 1998. pp. 63-201.

ROSA, Luiz Pinguelli. *A política nuclear e o caminho das armas atômicas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985

SALIBA E.Th. *História e Cinema: a narrativa utópica no mundo contemporâneo*. Lições com o Cinema, n.2. São Paulo: FDE, 1994. pp. 61-82.

THOMAS, Gordon & Witts, Max Morgan. *A bomba de Hiroshima*. São Paulo, Círculo do Livro, s.d.